

Sobre o problema do estresse racial – algumas considerações sobre o romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório

*On the Problem of Racial Stress – Some Reflections on the Novel *O avesso da pele*, by Jeferson Tenório*

Wanderson Barbosa
dos Santos
Universidade de Brasília (UNB)
Brasília DF | BR
wanderson_santos@outlook.com
<https://orcid.org/0000-0003-1084-3557>

Resumo: Este ensaio reflete sobre o problema do estresse racial. Como mote para esta reflexão, adotaremos uma leitura de cenas de estresse racial no romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, assim como as reflexões sobre o impacto do racismo na subjetividade a partir do pensamento social negro brasileiro, em específico, a partir de intelectuais negras como Neusa Santos Souza, Cida Bento, Beatriz Nascimento, Virgínia Leone Bicudo e Lélia Gonzalez. O estresse racial representa uma forma de aprisionamento do corpo negro, um aprisionamento nas formas de socialização que o desumaniza e retira suas possibilidades de liberdade. O estresse racial insere o sujeito negro num constante estado de não-existência, isto é, de desaparecimento da sua identidade. A partir da tradição de pensamento de Frantz Fanon e Frank B. Wilderson III, este ensaio alinha-se a uma perspectiva da psicanálise negra e do afropessimismo para pensar as consequências da violência racial na subjetividade negra.

Palavras-chave: estresse racial; *O avesso da pele*; identidade negra.

Abstract: This essay reflects on the problem of racial stress. As a starting point for this reflection, we will analyze scenes of racial stress in the novel *O avesso da pele* (The Other Side of the Skin) by Jeferson Tenório, as well as reflections on the impact of racism on subjectivity from the perspective of black Brazilian social thought—specifically, the work of Black female intellectuals such as Neusa Santos Souza, Cida Bento, Beatriz Nascimento, Virgínia Leone Bicudo, and Lélia Gonzalez. Racial stress represents a form of imprisonment for the black body, a confinement



in modes of socialization that dehumanizes it and strips away its possibilities for freedom. Racial stress places Black subjects in a constant state of non-existence, that is, the erasure of their identity. Drawing from the intellectual tradition of Frantz Fanon and Frank B. Wilderson III, this essay aligns with a perspective of Black psychoanalysis and Afropessimism to examine the consequences of racial violence on black subjectivity.

Keywords: racial stress; *O avesso da pele*; black identity.

Introdução

O tema deste ensaio é o estresse racial, uma experiência vivida por sujeitos em contextos de discriminação racial. O estresse racial se apresenta num contexto de pressões subjetivas e conflitos de identidade. Sua consequência é um constante estado de alerta acompanhado de sentimento de insegurança e inadequação social, o estresse racial produz uma singular dialética da identidade negra que transita entre o caráter afirmativo e o negativo. O sujeito racializado se vê enredado num jogo discriminatório de expectativas, no qual ele precisa se encaixar, enfrentar ou disputar seus sentidos. Veremos, ao longo do ensaio, que o estresse racial é uma forma de mutilação identitária e um meio de cerceamento da liberdade. O foco do ensaio, portanto, é pensar como o estresse racial reflete num encarceramento subjetivo dos sujeitos negros.

Este ensaio está construído da seguinte maneira: na primeira parte, percorremos o conteúdo do livro *O avesso da pele* de Jeferson Tenório através de passagens que posicionam o debate sobre o estresse racial na obra. A experiência contida nas citações do romance é essencial para pensarmos a condição de uma forma de vida subjetiva tensionada pela conflitualidade racial. Na outra parte do ensaio, olhamos para a forma como o pensamento social negro brasileiro desenhou uma reflexão crítica sobre o estresse racial. Assim, a partir do reconhecimento da fortuna crítica de Neusa Santos Souza, Virgínia Leone Bicudo, Cida Bento, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, propomos pensar a experiência racial em seu caráter subjetivo e social. O mote é pensar como a experiência emocional do negro é aprisionada pela presença do racismo na cultura e como a inferiorização, a fragmentação e a mitigação de sua estima devem ser compreendidas como resultado do racismo cultural brasileiro e da permanência de privilégios estruturais da branquitude. A leitura das autoras serve-nos para encadear argumentos para considerar o problema do estresse racial como historicamente atrelado ao racismo brasileiro, que encarcera a experiência negra em estruturações subjetivas de solidão racial e negação de si.

O estresse racial é uma constante ao longo da trajetória de vida dos sujeitos negros e é internalizado por meio de complexos processos de socialização racial. O negro apreende estratégias de enfrentamento do meio social racista e elabora formas conscientes e inconscientes de coabitar um mundo em que a discriminação racial é um aditivo das relações sociais. O estresse racial torna-se, portanto, um elemento da identidade negra, justamente, pela percepção obje-

tiva de que, para habitar o mundo, o negro necessita cultivar comportamentos, expressões e formas de ação para existir e resistir e, acima de tudo, não se transformar em alvo da violência racial.

No sentido das reflexões deste ensaio, temos como objetivo dar um passo a mais para a compreensão das formas de socialização dos sujeitos. Se a socialização se define como o modo como os indivíduos internalizam a sua sociedade, a socialização do negro merece uma análise particular. Nos contextos de discriminação e racismo, os sujeitos negros são atravessados por uma socialização típica para o enfrentamento ao racismo. Pensamos aqui o enfrentamento tanto no sentido combativo do termo, isto é, a construção subjetiva que leva ao processo de conflitualidade com percepções de injustiça racial, como também nas reações silenciosas de evitação do sofrimento racial. Veremos, ao longo do ensaio, que essa socialização se concretiza nos sentidos para a apresentação do negro em sociedade: a roupa, o comportamento e a fala, são escudos para a evitação do sofrimento racial; o comportamento da timidez, a vergonha e o desaparecer são modos de evitar a atenção e o julgamento coletivo. Em ambos os processos, o estresse racial, internalizado no batismo racial, passa a compor aspectos da identidade do negro. Sublinhamos tal processo na dialética entre afirmação e negação da identidade negra.

Este texto é concebido no espírito da tradição de pensamento de Frantz Fanon e Frank Wilderson B. III, isto é, uma tradição de psicanálise negra e afropessimista. O foco do texto é justamente compreender o impacto da colonialidade contemporânea na produção do adoecimento mental do negro a partir do fragmento reflexivo sobre o estresse racial. A desumanização produzida pelo racismo merece ser aprofundada e pensada no modo como estrutura o sofrimento mental das populações negras. Fanon (2022), no livro *Os condenados da terra*, elabora um esforço interpretativo da psicanálise para uma reflexão sobre os modos de adoecimento produzidos por um cenário de negação da humanidade. As sociedades herdeiras do colonialismo reproduzem as suas estruturas de opressão e de desumanidade, e o que chamamos de estresse racial é um desdobramento das forças desumanizadoras da negritude. O problema do estresse racial é o seu modo particular de corrosão dos atributos afirmativos da identidade negra.

Do ponto de vista de um olhar afropessimista, vale pensar as questões apontadas por Frank B. Wilderson III nos termos do modo como a colonialidade produziu nas populações negras a condição de apátridas permanentes. Ao tornar a identidade negra uma identidade negativa, a branquitude adentrou ideologicamente o inconsciente e inseriu a noção de abjeção atrelada à negritude. A desumanidade torna-se uma presença na construção do que é ser negro. Como produção da abjeção, o sujeito negro passa a, dolorosamente, se reconhecer e se identificar por uma lente de vergonha e de humilhação.

Assim, partindo da crítica de Frantz Fanon e do afropessimismo de Frank B. Wilderson III, propomos pensar a categoria do estresse racial como uma forma de adoecimento mental do negro no racismo, isto é, como uma forma de manutenção da ideologia de supremacia branca e de reprodução de formas de violência subjetiva. Por conseguinte, olhar para a literatura neste texto tem como objetivo apresentar, a partir de situações de vida, o modo como o estresse racial é internalizado através de uma particular socialização racial, como ele é compreendido e transformado em uma narrativa de vida e a maneira como ele se torna parte constitutiva da personalidade negra.

Como mote para esta reflexão, adotaremos a leitura de cenas de estresse racial no romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório – pois detectamos na obra aspectos determinantes para uma compreensão aprofundada da subjetividade negra – assim como, um exame da questão presente no pensamento social negro brasileiro, em específico, a partir de intelectu-

ais negras como Neusa Santos Souza, Cida Bento, Beatriz Nascimento, Virgínia Leone Bicudo e Lélia Gonzalez. Pensamos o estresse racial como uma disposição sociopsicológica de abandono das formas de fruição e de naturalização da vida, isto é, o estresse racial é construído por um constante estado de alerta, uma impossibilidade de apresentação espontânea, uma ausência de liberdade internalizada nos processos de violência racial. A vida passa a ser habitada pelo estresse e torna-se um cenário da imposição constante de um estado de alerta. Este ensaio busca, portanto, um diálogo entre as formas literárias e a reflexão em pensamento social para contribuir com a elaboração de um conceito que congregue um dilema psicológico produzido pelo racismo. Desse modo, tendo em vista o contorno estético do romance e a reflexão teórica das autoras, propomos a construção de um conceito de estresse racial oriundo do âmbito estético e que congregue as intenções de uma reflexão sobre subjetividade negra.

Da análise do romance buscamos uma síntese de exemplos históricos e culturais representados na forma estética da literatura. O livro em questão tem um significado histórico particular por realizar uma exposição de um conjunto vivo de experiências afro-brasileiras na estética do romance. As cenas transcritas ao longo do ensaio visam dar corpo a um dilema de sobrevivência dos jovens negros no Brasil. Seguimos a tradição de Guerreiro Ramos (1995) ao pensar o debate afro-brasileiro na chave do negro-vida, ou seja, um olhar para as questões do negro brasileiro sob uma perspectiva do reconhecimento do seu direito à complexidade como ser social.

Este ensaio é uma forma de afirmação do direito à complexidade do sujeito negro. A ideologia racista, os estereótipos de raça e a cultura historicamente produziram imagens do negro do ponto de vista de um reducionismo das suas formas de identidade e seus modos de viver – sendo essas formas de manter e reproduzir as hierarquias raciais a produção de imagens simplórias das populações oprimidas – tal condição está no cerne da desumanização do outro. Na contracorrente desta perspectiva, pensar o sujeito negro em sua complexidade, em seus dilemas subjetivos e em conflitos internos é pensá-lo nos termos de uma subjetividade que tem o direito a uma complexidade. A literatura afro-brasileira contemporânea tem desenhado tais formas de complexidade psicológica dos sujeitos negros na exposição de seus dilemas e seus olhares em direção ao mundo. O conteúdo do romance analisado neste ensaio aponta para um horizonte possível de humanização do negro na literatura. O romance *O avesso da pele* deve ser lido como uma proposta afirmativa da complexidade da subjetividade negra.

Por uma perspectiva da análise literária, seguimos o caminho da teoria crítica da sociedade ao validar epistemologicamente a obra literária como uma fonte de reflexão sobre a sociedade atual. A obra literária, do ponto de vista da crítica, é uma importante fonte para a compreensão documental, histórica e sociológica. Segundo Theodor W. Adorno, em seu livro *Filosofia da nova música*: “As formas de arte registram a história da humanidade com mais exactidão que os documentos.” (Adorno, 2011, p. 42). Nesse espírito, olhamos para as cenas de *O avesso da pele* no esforço de compreensão, a partir de sua forma estética, das questões de registro de uma experiência social específica. Decidimos olhar, portanto, para três cenas que desvelam aspectos da ideia de estresse racial que buscamos compor neste ensaio.

Ainda assim, apresentaremos um outro ponto de vista a partir do exame da questão em autoras do pensamento social negro brasileiro, a saber, Virgínia Leone Bicudo, Neusa Santos Souza, Cida Bento, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. As obras dessas autoras são fundamentais para pensarmos a experiência social do negro brasileiro e suas dimensões de construção da identidade e elaboração de seus conflitos subjetivos. Apresentamos o modo como o estresse racial é percebido como uma violência e uma forma de inferiorização e

encaixe nas estruturas de hierarquia racial brasileira, mas também como ele é enfrentado a partir de uma política de resistência subjetiva. As autoras mostram como, mesmo no cenário desfavorável do racismo estrutural, o negro enfrenta as tentativas de dissolução da sua identidade por meio de um discurso de defesa subjetiva e de afirmação de uma narrativa de si.

Veremos que a questão envolve um movimento dialético no qual o estresse racial tanto representa um aprisionamento do corpo negro, como também impõe uma forma de contradiscurso de sobrevivência; ele tanto desvela um trauma histórico representado na solidão racial, como também impulsiona formas de autopreservação e reação ao racismo. Como um fenômeno subjetivo complexo, cada sujeito o elabora de uma maneira distinta, sendo a padronização uma forma de mutilar as percepções e sentimentos da negritude, não há, nessa elaboração, desejo do autor em realizar algum tipo de redução simplista da vida subjetiva do negro brasileiro.

Antes de tudo, desejamos mostrar as nuances e as formas de experiência que se desdobram num olhar para a complexidade da identidade negra. Este ensaio é uma tentativa de estabelecer uma reflexão mais ampla sobre a subjetividade negra do ponto de vista de um olhar para suas formas vivas, isto é, para os seus movimentos na história e suas proposições.

Cenas de estresse racial em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório

*Teu caos me comove.
O avesso da pele,*

Jeferson Tenório

A obra literária *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, desenha um relato da experiência social negra no Brasil. Seu narrador apresenta, na forma literária, os dilemas, conflitos, sentimentos e possibilidades do negro em uma sociedade em que o racismo é o aditivo para todas as suas relações – o racismo é um alicerce para a construção subjetiva de seus personagens. Lemos nas páginas do livro uma experiência social que atravessa as vidas de jovens negros brasileiros: como sobreviver em um mundo habitado pela violência racial? Como cultivar laços significativos a partir da negatividade do racismo? Como cultivar a subjetividade frente às discriminações estruturais? A obra expõe questões e as formas de existência do negro brasileiro enquanto o personagem situa a complexidade da socialização racial brasileira e as estratégias para construção de uma identidade afirmativa.

As memórias do filho constroem o personagem do pai. A narrativa apresenta a vida de Henrique pelo olhar de Pedro. O livro é composto pelos fragmentos das experiências, das memórias que flertam com o esquecimento e as projeções do desejo. A adolescência cravada pelos abalos na autoestima, o sentimento de inferioridade que atravessa a subjetividade negra. A naturalização do racismo. A solidão racial, única companheira. Quando o amor se tornou uma possibilidade, a pele impede o esquecimento. O narrador relembraria tudo o que não se pode esquecer, tudo aquilo que está marcado na memória da pele. A pele é antes de tudo uma memória e seus personagens encontram-se na dialética entre o esquecer e o lembrar. Daí seu processo de conscientização racial e de construção da identidade.

A leitura da obra inspira um amplo espectro de reflexões sobre a subjetividade negra e suas formas de resistência. Tendo em vista o objetivo do ensaio – a construção de uma concepção de estresse racial – situamos alguns fragmentos dos textos que configuram um olhar para as tensões que abolem a espontaneidade do personagem negro. Tais citações e frag-

mentos atuam neste ensaio na condição de um documento histórico-literário de registro da experiência social e que serão, portanto, consideradas em seu valor para a elaboração de uma reflexão crítica sobre o estresse racial.

Trata-se de três cenas de sobrevivência na qual a liberdade da personagem é dissolvida: em um primeiro momento, no processo de socialização primária, isto é, através da internalização de formas de comportamento que visam tornar o corpo negro invisível; as demais cenas mostram, por sua vez, como o estresse do racismo é um constante conflito para a subjetividade negra e, mais do que isso, é um elemento de sobrevivência no mundo. Há no texto um relato literário que documenta a experiência histórica do negro brasileiro e sua relação com o racismo. A constante nas cenas é a impossibilidade de naturalidade nas relações sociais, tendo em vista a constância do racismo na equação que produz a vida.

As memórias da infância de Pedro situam o manual de sobrevivência ao racismo transmitido por sua família. O estresse racial é internalizado numa complexa socialização que chamaremos de batismo racial. A criança negra apreende regras de convívio, de comportamento e de expressão que miram o evitamento de situações na quais a cor da pele serão objeto de discriminação. O relato em *O avesso da pele* situa a questão da fala, os lugares que podem ser frequentados, as relações com a branquitude, os movimentos do corpo e o trabalho como uma espécie de escudo para a valorização social. O ser negro é imprescindível do ter: Ter uma “boa aparência”, ter “um trabalho”, ter “uma boa postura”. O fragmento extraído do livro aborda o “mantra” a ser seguido pelo jovem negro, um comportamento normativo que tem como objetivo torná-lo invisível na presença da branquitude. Para sobreviver, em alguma medida, é necessário *desaparecer*. De toda imposição de um modo de ser no mundo, resta ao sujeito a dissolução das possibilidades de ser em liberdade.

Que o seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: *não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego.* Tudo isso passara anos reverberando em você. Como uma espécie de mantra. Um manual de sobrevivência (Tenório, 2020, p. 88, grifo do autor).

O estresse racial, que é consequência da inviabilidade de uma liberdade de existência negra nos contextos de racismo, encontra, em algumas formas de expressividade, a possibilidade de um escudo que confere uma noção de “invisibilidade”. No cenário descrito, o vestuário e a apresentação da moda, conferem ao negro uma espécie de escudo de evitação das situações raciais. A roupa apresenta possibilidades de expressividade que tem como intuito conferir uma imagem contrária àquelas oferecidas de forma pejorativa a ele. Se o negro é lido como atrevido, insolente e zombeteiro a sua forma de se vestir busca contrapor as imagens negativas que se inscrevem em sua cor de pele. A roupa confere então uma possibilidade de traduzir mais respeitabilidade ao ser social negro. O respeito social, a dignidade de tratamento, pode ser negociada à medida que o sujeito negro se utiliza de símbolos de apresentação da branquitude. Nesse processo, ele precisa negar, em alguma medida, a naturalidade de sua identidade negra, no entanto, no cálculo subjetivo da sobrevivência, a concessão se mostra como um sacrifício razoável para viver. Ainda assim, lemos em *O avesso da pele* que o

escudo da moda, em muitos casos, pode ser ilusório, pois o racismo permanece na equação do ser negro. O que significa que, mesmo na incorporação dos códigos da branquitude, a cor da pele ainda permanece como elemento de exclusão. A respeitabilidade conferida pelo vestuário é adquirida somente de forma relativa, visto que, a cor de sua pele é fator estruturante das relações sociais em sociedades herdeiras do colonialismo.

Como num estalo, percebeu que o modo como se vestia poderia ser o motivo de haver recebido tantas abordagens policiais durante a vida. Assim, pelos próximos meses você cuidará da sua aparência, manterá o cabelo sempre bem aparado e curto, as roupas bem alinhadas e passadas. Além disso, você começaria a frequentar ambientes aonde nem imaginava que poderia ir, ambientes onde pessoas brancas eram a maioria, ambientes aonde advogados costumavam ir. Na primeira balada a que você foi nesse estilo, você não sabia muito bem como se comportar, para você pareceu muito estranho estar naquele espaço onde as pessoas pareciam ter saído de um seriado em Malibu, todos ali, loiros, pareciam surfistas vindos dos EUA (Tenório, 2020, p. 151).

Nas cenas finais do romance, transcritas aqui de forma integral, o narrador mostra como o relaxamento, a distração, resulta em consequências trágicas para o negro. Sua existência está alicerçada basicamente na atenção total a todos os seus movimentos e a uma economia cognitiva que o estressa e não lhe permite uma vida natural. Nos raros momentos em que o estresse racial cessa e a espontaneidade toma conta do comportamento do pai do narrador, ocorre a tragédia da abordagem policial fatal. Em um raro momento de júbilo, a personagem renuncia aos escudos contra o racismo e se entrega ao comportamento de distração e espontaneidade que lhe são negados durante toda a sua vida. Na cena relatada no romance, o aprisionamento do negro ao discurso de constrangimento da branquitude se torna explícito para o leitor. A felicidade extrema abranda as camadas de autocontenção que construíram sua identidade como homem negro. No entanto, quem são aqueles que podem estar o tempo inteiro relaxados? Quem são eles os que podem gozar as fruições da vida? A cena da tragédia final é sintomática de uma experiência de violência construída por séculos de racismo no Brasil. A narração da morte de Henrique apresenta as políticas de morte (necropolítica) que preenchem o tecido social da sociedade brasileira. Antes de executada, a morte é fabulada, projetada em sonho e desejada. Mas a morte do corpo físico é antes precedida por uma morte social do sujeito negro. Suprimidos, coagidos e pressionados a abandonar sua liberdade e condenados a uma vida de estresse racial.

Agora você planejava levar Kafka, Cervantes, James Baldwin, Virginia Woolf e Toni Morrison para eles. Depois daquela noite, tudo era possível. Aquilo estava te salvando do abismo. E você nem percebeu quando os reflexos vermelhos de uma sirene bateram na parede de um prédio próximo a você. Nem percebeu a aproximação de uma viatura da polícia, e também não percebeu quando eles pararam o carro ao seu lado. Você só se deu conta do que estava acontecendo quando um deles falou mais alto e disse para você parar. Era uma abordagem. Sua cabeça ainda estava na sala de aula, ainda estava em Dostoiévski. Ele gritou para você parar. Gritou para você ir para a parede. Mas você não escutou ou não quis escutar. Ele e os outros policiais estavam nervosos, era só para ser mais uma abordagem de rotina. Só isso, *vamos, porra, colabora*. Mas você não estava se importando mais com a rotina deles. Ele gritou novamente para você ir para a parede, ele já estava

te apontando a arma. Mas para você já não fazia diferença, porque daquela vez eles não iam estragar tudo. Vocês tinham de estar lá. Vocês tinham que ver a cara deles quando comecei a ler, vocês tinham que ver o silêncio deles, vocês tinham que vê-los prestando atenção. Vocês tinham de conhecer o Peterson, tinha de ouvir o que ele tinha para dizer sobre o livro. Então, você abriu a pasta, ignorando os gritos do policial, os gritos de larga a pasta, porra. Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. Um tiro certeiro na tua cabeça. Os outros vieram simultaneamente. E a última imagem que você viu, foi a lua-gema-de-ovo-no-copo-azul-lá-do-céu (Tenório, 2022, p.176-177, grifo do autor).

Das três cenas que escolhemos do romance *O avesso da pele*, destacamos a forma como o estresse racial se define também como uma forma de não existência. O ser social negro é coagido, desde o seu processo de socialização, para o abandono das formas espontâneas de expressividade, portanto observa a dissolução da sua própria liberdade. O estresse racial é uma espécie de jaula de aprisionamento da subjetividade negra, tendo em vista que, limita as possibilidades de liberdade, direciona a uma normatividade de conduta e pune os elementos desviantes como os emissários cotidianos da necropolítica.¹ O aprisionamento subjetivo encontra-se desde o processo de socialização e se afirma como a companhia do ser social negro. O romance, lido em três cenas, descreve as estruturas de sentimento do estresse racial. Abordamos o conceito, a seguir, partimos do pensamento social negro brasileiro para mostrar os elementos psicanalíticos e sociológicos que convergem com a leitura literária.

A constituição subjetiva do estresse racial

O nosso corpo preto é uma prisão sem portas.
Louças de família,

Eliane Marques

O estresse é uma resposta do corpo diante de pressões, perigos ou ameaças do mundo na vida. A sociedade moderna se define como uma comunidade de estresse oriundo dos riscos do capitalismo, do colapso global e das crises dos sistemas de crenças religiosas e políticas.

¹ Utilizamos aqui o conceito de necropolítica proposto pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018). A ideia de necropolítica se define como uma política em que a morte passa a habitar a vida. O Estado moderno e seu aparato de violência exercem o poder por meio de uma definição de quais corpos podem viver ou não, isto é, quais corpos serão constantemente atormentados pela morte. No contexto de racionalidade moderna, as políticas de morte são implementadas e exercidas, sobretudo, por uma naturalização de corpos que são objetos da violência. A descrição do assassinato policial em *O avesso da pele* pode ser lida na chave interpretativa da necropolítica. A morte é ensaiada como uma prática natural de instituições que se estruturam pela eliminação de corpos negros. A construção da desumanidade das populações negras encontra sua atualidade nas formas de divisão entre uma humanidade digna de vida e uma desumanidade na qual a morte é o seu destino naturalizado. A partir das ideias de Mbembe podemos pensar como políticas de exceção se definem como a regra para populações marginalizadas, como é o caso das populações negras no Brasil.

Há também um abalo dos conceitos que aspiram à universalidade. Sob a condição do caráter universal da reflexividade, deixamos de enxergar os atributos particulares que atendem as demandas *dos outros* da modernidade. Os outros das modernidades são todos aqueles que foram cerceados em sua possibilidade de linguagem, isto é, são os sujeitos impedidos de transmitir sua experiência. Os outros da modernidade são aqueles que por séculos tiveram as suas experiências e memórias silenciadas. Refletir sobre o estresse racial é construir uma agenda de pesquisa sobre as consequências do racismo no âmbito da subjetividade negra. É também construir espaços de pesquisa para a socialização negra e seus impactos na montagem da identidade negra. Para além dos constrangimentos da violência racial na desigualdade, da limitação de oportunidades e da paralisação das possibilidades de vida, pensar os atributos subjetivos que fraturam a identidade negra se mostra fundamental para a construção de uma teoria e prática da emancipação.

Neusa Santos Souza (2021), do ponto de vista de uma psicanálise afrocentrada, aponta os elementos de constrição da liberdade subjetiva do negro brasileiro. Para ela, a experiência emocional do negro é limitada por meio da imposição de um discurso sobre o negro produzido pela branquitude. As formas desse discurso ideológico têm uma finalidade específica: manter as estruturas de estratificação racial a partir do rebaixamento do negro em sua auto-estima. Para conquistar o status de sujeito, analisa a autora, o negro entrega como tributo sua própria identidade, massacrada e negada em uma sociedade em que o racismo é o aditivo do conjunto geral das relações sociais.

Do processo histórico de negação da negritude nascem os conflitos que se expressam no estresse racial. O estresse racial muitas vezes não é visto, pois habita o âmbito subjetivo, ou seja, é vivido muitas vezes como dramas pessoais que não são externalizados em uma linguagem coletiva. Tais conflitos vividos na individualidade são consequências de uma fragmentação das comunidades negras no Brasil. Virgínia Leone Bicudo (2010), em seu livro *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, apresenta os sentidos históricos e psicológicos da fragmentação das comunidades negras no Brasil. Para a autora, o fator racismo permeia a cultura brasileira e constrói formas de antagonismos, desprezo e antipatia entre a população negra. Pensando junto à Neusa Santos Souza (2021), a ideologia de branqueamento e democracia racial no Brasil fundamenta-se na ideia de que o negro é associado aos elementos de negatividade na sociedade, assim, para “tornar-se gente” o negro assume o discurso da branquitude e nega suas próprias formas de associação em comunidade. Bicudo (2010) sublinha como esses conflitos raciais se situam, sobretudo, numa noção de subtração histórica da solidariedade entre as pessoas negras.

O estresse racial é vivido no âmbito da experiência subjetiva e é acompanhado, por causa da fragmentação das comunidades negras, também de solidão racial. Nesse sentido, como reação conflituosa vivida no âmbito psicológico, o negro enfrenta o estresse racial como um dilema da negação de si, *como se fosse*, um trauma individual. Um dos aspectos dessa tragédia subjetiva é o processo de negação da identidade.

Assim é que, para se afirmar ou para se negar, o negro toma o branco como marco referencial. *A espontaneidade lhe é um direito negado; não cabe simplesmente ser – há que estar alerta.* Não tanto para agir, mas sobretudo para evitar situações em que seja obrigado a fazê-lo abertamente (Souza, 2021, p. 56, grifo do autor).

Portanto, Neusa Santos Souza, sublinha a tese sobre o impacto do racismo na subjetividade negra enfatizando a dissolução de disposições para a espontaneidade e as constrições para o ser em liberdade. É um dos atributos do estresse racial o constante sentimento de restrição de liberdade, de uma prisão de movimentos e gestos, do aprisionamento no próprio corpo.

O processo psíquico de expropriação das formas de fruição espontâneas da vida deriva de um sentimento constante que assombra os sujeitos que sofrem com o estresse racial: a necessidade de adequação e de invisibilização. Uma das formas de evitação de situações de discriminação é o *desaparecer* – desaparecer, aqui não é entendido em seu sentido literal, do sumir, mas como um ato de não alçar relevo nas relações sociais – significa apagar-se como precaução para o olhar do outro. Nesse sentido, o sujeito negro encontra-se numa armadilha. Como lembra Bicudo (2010), ao se aproximar do branco o negro encontra uma via para uma forma de “autoafirmação” (entendido como aceitação racial), mas que, dialeticamente, produz uma reafirmação do assombro da inferioridade impressa pela associação do negro ao pejorativo. É como se, no contraste entre o preto e o branco, emergissem no tecido da cultura as formas permeadas do racismo. A questão da aceitação racial é uma das bases ideológicas do mito da democracia racial no Brasil, o qual se traduz na ideia de que o negro brasileiro, em comparação a outros países, goza de uma espécie de privilégio da harmonia racial. Tal ideia, desmitificada por Lélia Gonzalez, mostra-se como uma armadilha racial, na medida em que induz a um conjunto de práticas sociais que, sob o signo da integração, reproduzem padrões de hierarquia e de inferiorização racial.

Na complexidade da estruturação de uma subjetividade e no contato da branquitude, o negro elabora estratégias psíquicas para o enfrentamento da ideologia que o inferioriza. Este ponto é fundamental para nossa reflexão: o sujeito negro reage com as poucas armas que estão à sua disposição. Neusa Santos Souza (2021) aponta, nas pequenas fissuras do cotidiano, as possibilidades de superação dos processos racistas de afirmação e de negação da identidade. Uma dessas maneiras é elaborada no âmbito de uma fabulação psíquica que inverte os elementos da inferiorização: “Ser melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o ‘defeito’, para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida” (Souza, 2021, p. 73).

A imposição de uma cultura de inferiorização do negro, dialeticamente, produz contrarreações de sobrevivência. O desaparecer e a elaboração psíquica do contradiscorso são formas de um manual de sobrevivência do negro e representam uma outra camada da reflexão sobre o estresse racial. A inferioridade produzida e reafirmada na construção histórica do racismo é vivenciada no processo dialético de aceitação-negação pelos sujeitos negros. A aceitação, por sua vez, emerge no sentido de uma necessidade cultural de proximidade com o outro em busca de uma afirmação. A obra de Virgínia Leone Bicudo é particularmente relevante para a compreensão desse jogo de relação entre grupos oprimidos e grupos dominantes. Por outro lado, a negação se dá nas formas de afirmação de estratégias conscientes e inconscientes de produção de um contradiscorso subjetivo, isto é, uma reação de mediação ao sistema de inferioridade produzido pela branquitude.

As heranças das estruturas coloniais brasileiras impõem aos negros uma condição reativa ao estresse racial. Entendemos que a branquitude não precisa elaborar um discurso sobre a raça, por isso sua socialização é subtraída de uma reflexão sobre sua própria identidade racial. Já as populações negras precisam enfrentar o estresse racial e se relacionar dialeticamente com o peso da ideologia do branqueamento e da democracia racial. Por esse motivo, é

do lugar comum do racismo de denegação a narrativa da inexistência da discriminação racial e de suas consequências para a sociedade brasileira. Portanto, somente por uma socialização racial é possível compreender o papel da racialidade no conjunto das relações sociais. É nesse sentido que devemos compreender como o estresse racial emerge na cultura contemporânea do ponto de vista de vozes afrocentradas, e da mesma maneira, podemos compreender como a psicologia do negro foi soterrada nas tentativas de compreensão da sua vida psíquica. Tal relação entre socialização racial e o seu lugar de experiência revela, seguindo o argumento de Cida Bento (2022), um privilégio da branquitude na possibilidade de se ausentar de uma reflexão sobre sua própria raça e por conseguinte não ser inserido em um léxico de raça e não ter que elaborar sobre a sua presença no mundo sob o prisma da sua pertença étnico-racial são formas de relaxamento a uma reflexão conflituosa sobre a identidade. Tal ausência reflexiva se afirma como um privilégio usufruído pela cor da universalidade, isto é, pelos privilégios da branquitude. Dessa maneira, A branquitude goza o privilégio de uma universalidade e as suas particularidades identitárias são transformadas em dilemas da totalidade. Cida Bento (2022) discute essa questão quando reflete o modo como os privilégios raciais dos brancos não são questionados por essa população, uma vez que são vistos como naturalizados.

Há na exposição de uma reflexão sobre o estresse racial uma tentativa de dar contornos ao âmbito da experiência vivida do negro brasileiro. Beatriz Nascimento (2021), no ensaio: *Por uma história do homem negro*, discute um olhar para a questão racial como uma totalidade, entendida como uma estrutura de história, de cultura e de sentimentos. Nesse sentido, a autora aponta na branquitude um papel fundamental para a reprodução de violências que se efetivam psicologicamente no estresse racial, sendo assim a branquitude é herdeira dos ideais nacionais de branqueamento e apagamento da negritude. Há ainda no Brasil uma percepção compartilhada acerca do lugar inferiorizado do negro, Beatriz Nascimento mostra que, quando intelectuais negros se colocam em lugares que foram “historicamente naturalizados como lugares da branquitude”, a contradição emerge no que ela chama de crise da branquitude. Ao negro intelectual resta uma reação de enfrentamento ao estresse racial: um sentimento de alerta constante para revidar as formas de preconceito da sociedade.

O estresse racial congrega mais uma camada: a permanência de um estado de alerta e de reatividade para sua autodefesa na sociedade racista. Tal situação é internalizada nos processos de socialização racial e reproduzida ao longo da trajetória de vida, ora como forma de enfrentamento ao discurso de inferioridade racial, ora em estratégias de apagamento e de desvios de confrontos raciais. No ensaio de Beatriz Nascimento, um projeto para a compreensão do estresse racial é apontado no debate psicanalítico dos complexos não-resolvidos da sociedade brasileira. Complexos que estão internalizados individualmente, mas que também fundam a cultura na qual estamos inseridos. No entanto, para a autora, o negro tem como ferramenta para o enfrentamento a própria história que o empodera para o fortalecimento de um contradiscorso: “Resta-nos somente nosso inconsciente, que só através da história poderá ser compreendido e solucionado” (Nascimento, 2021, p. 46).

Ainda sobre os complexos não resolvidos da sociedade brasileira, vale pensarmos junto à Lélia Gonzalez (2020) e seu conceito sóciopsicanalítico de “neurose cultural brasileira”. A sociedade brasileira se estrutura por meio uma teia de relações opressoras de classe, de raça e de gênero. Lélia Gonzalez investiga a forma como as dinâmicas do racismo e sexismo se constituem por meio da linguagem numa trama de opressão que subjuga duplamente as mulheres negras. O racismo e o sexismo, portanto, são sintomas de uma neurose cultural mais

abrangente que é negada. Como um paciente neurótico, o Brasil recorre à fabulação para evitá-lo o enfrentamento dos seus problemas. O racismo de denegação é a expressão de uma formação nacional herdeira do mito da democracia racial e das ideologias do branqueamento.

Do ponto de vista da construção de um contradiscorso ao racismo, Lélia Gonzalez aponta no conceito de memória uma chave afirmativa para a rejeição do racismo. A memória congrega uma disposição para a inclusão das experiências afirmativas das mulheres negras no Brasil. A oposição evidente é entre o discurso que objetiva a inferiorização, a redução e o apagamento da contribuição negra no Brasil e as formas de valorização da africanidade, as quais são determinantes para a formação nacional. Para Lélia Gonzalez (2020), a tentativa de apagamento das raízes negras no Brasil encontra uma barreira intransponível: a linguagem. A herança africana no Brasil é vista e revista diariamente na forma da linguagem que a autora define como o *pretuguês*.

Ao pensarmos os dilemas da questão do estresse racial, a linguagem aparece como uma dimensão de suma importância. É por meio da linguagem que os sujeitos tecem narrativas de si mesmos, constroem a sua autoestima e elaboram seus modos de relação com o mundo. Quando Lélia Gonzalez elabora sua reflexão sobre o apagamento das matrizes africanas no Brasil e a maneira como foram roubadas as possibilidades de memória da população negra, é importante reconhecermos que no “roubo” da linguagem foram tomadas as possibilidades de uma produção discursiva sobre a identidade negra independente do ponto de vista da branquitude. As situações de estresse racial que se desdobram no cotidiano encarnam em si um constrangimento do negro em se afirmar a partir da sua própria narrativa. A linguagem, nas operações discursivas do racismo, encarca o negro nas imagens pejorativas que reproduzem um sistema de inferioridade racial.

Nesse aspecto, as contribuições de Virgínia Leone Bicudo, Neusa Santos Souza, Cida Bento, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez convergem no sentido de um resgate do pensamento social negro brasileiro sobre as questões afirmativas da identidade e mostram pistas para uma investigação sobre o estresse racial. Pensar a identidade do ponto de vista afirmativo é uma das principais formas de contraponto ao estresse racial e suas consequências violentas para os sujeitos negros. É pela linguagem que os indivíduos constroem suas narrativas de si e um conceito forte de identidade, aqui entendida não como algo estático e imóvel, mas como afirmação da autoestima pautada na memória.

Ao ensaiar algumas notas sobre o estresse racial, acessamos conflitos intersubjetivos que dão contorno às noções de identidade negra em contextos de racismo. A montagem da identidade negra, vista por meio da complexidade dos conflitos raciais, perpassa, dessa forma, um movimento dialético entre uma aspiração para a condição afirmativa do seu ser e uma pressão ofensiva da cultura de inferiorização negra. O ponto é que o estresse racial atua em muitas situações como um modo de dissolução da autoestima negra e um impulso ao sacrifício da identidade afro-brasileira. A violência do racismo também é vivida no âmbito da subjetividade e, portanto, tece a psicologia da população negra. Dado o cenário de fragmentação dos laços de comunidade no Brasil, em muitos casos, tais dilemas são vividos por um sentimento de solidão, uma solidão racializada. A literatura, a sociologia e a psicanálise que visam dar corpo à experiência do negro ensaiam algumas notas sobre as causas, os efeitos e as consequências dos processos de violência vividos na subjetividade.

O racismo que é aditivo para a cultura também adentra no tecido individual. Ele perfura a epiderme e passa a preencher os sujeitos com inseguranças, vergonhas e traumas acumulados em suas experiências de vida. A pele se reconfigura como memória histórica

de traumas, mas também de formas de resistência. Vimos isso em todo o processo conceituado como internalização do preconceito racial e a forma como ele mina as possibilidades de construção de uma identidade positiva do negro. Ao aprender em todos os manuais de sobrevivência que sua existência depende de um jogo complexo do desaparecer social, o negro constantemente vivencia o luto do abandono da sua própria identidade. Por outro lado, observamos que nas fissuras do tecido social, da ideologia do branqueamento, o negro busca sua afirmação incorporando o *ethos* do estresse racial em formas de resistência cotidiana a partir de uma economia sentimental que lhe serve de escudo e de espada para o enfrentamento das injustiças sociais.

Do debate proposto sintetizamos o estresse racial como uma disposição para uma ansiedade social, a qual é oriunda de um jogo de expectativas negativas produzidas pelo racismo, da seguinte maneira: o estresse racial é um movimento para a dissolução da liberdade negra e a adequação a padrões de comportamento, de ação e de pensamento que o tornam prisioneiro do racismo; o estresse racial é vivido como um trauma individual e sustenta uma relação de reatividade diante da vida; o estresse racial é uma das expressões da não identidade negra no ato de desaparecer.

O jogo de violência nas quais estão inseridas dinâmicas de estresse racial é fundamental para o estabelecimento de privilégios da branquitude. Enquanto a branquitude goza de possibilidades de uma liberdade sem julgamento, a negritude enfrenta as tensões de uma forma de comportamento engessado no racismo. Aqui elaboramos uma reflexão sobre os privilégios que habitam o âmbito da subjetividade, da subtração de conflitos de identidade e de um exercício menos constrangido da noção de liberdade.

O estresse racial, portanto, se condiciona em uma identidade do não-ser, ou um ser para o outro sem autonomia. Da situação de estar em um corpo negro, os sujeitos investem em formas de resistência e de contraponto à subtração da sua identidade. A linguagem assume uma condição de instrumento de sobrevivência negociando subjetividade por esses sujeitos, tanto para enfrentar as ideologias que o inferiorizam, como também para produzir um contradiscorso de afirmação da negritude.

Considerações finais: memória na pele

Este ensaio rascunha um diálogo entre a literatura e o pensamento social brasileiro acerca do tema do estresse racial. Ao longo do texto, propomos algumas dimensões que tocam nos aspectos sociais e subjetivos do tema. O estresse racial é uma forma de aprisionamento do corpo negro às formas de opressão e eliminação do racismo estrutural. É importante pensá-lo no contexto de uma pressão para a construção da identidade negra. Seus desdobramentos afetam questões da construção da subjetividade e são determinantes para uma identidade negra do ponto de vista de uma negatividade.

O estresse racial é uma forma de determinação da não-realização da liberdade negra, esse cárcere se projeta na subjetividade e persegue o sujeito impedindo-o de seu pleno exercício da liberdade. A sugestão é o desaparecer, o tornar-se invisível para justamente sobreviver. A não-existência é sugerida pela cultura, como também é incentivada para ocultar os sintomas do racismo na cultura brasileira. Enfrentar tais mistificações ideológicas é um compromisso afirmativo com a identidade e com uma transformação social.

Vimos ao longo do ensaio que a presença do estresse racial produz formas de resistência e de enfrentamento ao racismo no âmbito subjetivo. Nesse ponto, o mais relevante é pensar o estresse racial como um sofrimento que muitas vezes é experimentado de forma solitária. A solidão racial é uma constante em contextos sociais em que os negros se enxergam como minoria. Quando isolados e impedidos da construção de vínculos de afetividade, as possibilidades de reação ao racismo se mostram ainda mais indisponíveis a esses sujeitos. Vimos que um modo de resgate dos potenciais de resistência encontra-se no conceito de memória. A memória está presente na pele e nas formas de identificação que partem dela para serem pensadas na cultura e na linguagem. Este ensaio propôs uma reflexão sobre o tema visando apresentá-lo em suas dimensões e complexidades. Os abalos do estresse racial na autoestima, na identidade negra e no sentimento de insegurança podem ser vistos pelos exemplos abordados no romance e, ao mesmo tempo, na reflexão do pensamento social negro brasileiro. Trata-se de uma questão fundante para um debate sobre a construção da identidade negra e o modo como ela foi historicamente mutilada por uma cultura de determinação da morte-social da identidade negra brasileira. Um olhar afirmativo para a questão deve mirar as formas de transmutação de um cenário de impossibilidade e de não-existência em modos construtivos de elaboração de si de um ponto de vista positivo.

Por fim, vale pensar que as notas apresentadas sobre a questão do estresse racial também devem contribuir para o acolhimento do sofrimento dos sujeitos negros. Reconhecer o papel das dinâmicas de violências subjetivas produzidas pelo racismo é um primeiro passo para o enfrentamento das dimensões da opressão racial. As implicações do estresse racial se concretizam em sofrimento, em vergonha e no sentimento de não-pertencimento. Pensar o problema deve ser acompanhado por uma elaboração de práticas de acolhimento dos sujeitos negros. Naturalmente, as questões pensadas ao longo do ensaio podem se desdobrar muito além da análise de um documento de literatura. As consequências do estresse racial estão presentes na construção da identidade negra, mas também podem ser encontradas no adoecimento fisiológico que é consequência do racismo. O estresse racial produzido pelo racismo, entre outras consequências, pode ser decisivo para sofrimentos existenciais e para questões vinculadas à ansiedade, um estado de isolamento depressivo e as patologias da inferiorização, sendo assim, outros estudos podem apontar as afinidades entre o estresse racial, o sofrimento psíquico e o adoecimento fisiológico do negro.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Filosofia da nova música*. Tradução de Magda França. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- BICUDO, Virginia Leone. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RAMOS, Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. São Paulo: Todavia, 2021.